

FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

SUBSCREVE-SE A 28500 RS. POR TRIMESTRE (13 NÚMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 9 DE OUTUBRO.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERANÇA, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FERMOZA CAZA N.º 2.

EXTERIOR.

Corresp. do Jornal do Comércio.

Paris, 15 de julho.

O terrível e asqueroso processo do general Cubières é a grande questão do dia. Apesar da existência de grande número de factos que em tempos ainda não ordinários terão feito subir as ondas do ressentimento ou da indignação do público a alturas incalculáveis, todo o interesse da população da capital se concentrou exclusivamente no Luxemburgo, onde no dia 8, segundo estava determinado, começou o processo propriamente dito, ou os debates públicos sobre a questão pendente, no meio da mais incrível affluência do povo que se tem visto.

Para dizer a verdade, os incidentes relativos ao dito processo tinham-se sucedido uns aos outros com tal rapidez e era de tal importância, que para quem conhece o carácter da população de Paris, tão ávida de emoções, não há que admirar-se a curiosidade do público da capital chegou, por este motivo, ao mais alto grau de tensão a que podia subir. O primeiro destes incidentes, e aquelle com que menos se contava, foi a evasão subita de Pellaprat, que no dia 6 desapareceu de repente da capital, levando a impudência e o descoço ao ponto de dar parte da sua fuga ao presidente da camara dos pares por meio de uma carta em que lhe dizia que a sua idade avançada e o mau estado da sua saúde, que provava com uma attestação do seu médico, não lhe permitia assistir aos debates que ia ter lugar a seu respeito perante a mesma camara, e que por isso se retirava. O facto parecia incrível da parte de um homem que, com 75 annos de idade, já não podia aspirar a outra causa que a deixar de si bom nome na sociedade em que vivia, e que pela posição que ocupava na mesma sociedade algum reparo devia fazer na vergonha que de semelhante procedimento ia resultar a todos os seus parentes. Accrescia a isto que, se a enorridade da sua fortuna estabelecida a seu favor a presunção de inacessibilidade a todas as tentações de ladraria a que o accusavão de ter succumbido, por meio da sua fuga, renunciando a toda a qualidade de defesa, não podia fazer fazer outra causa senão tornar indubitáveis na consciência do público todos os crimes de que a justiça lhe pediu conta. verdade seja, mas de que estava promptissima a absolvê-lo, por pouco que a sua justificação parecesse admisível. Por todos estes motivos ninguém acreditou a notícia quando ao princípio se espalhou; porém a causa era oficial, e oficialíssima,

e logo no abrir da audiencia do dia 8 cessaram todas as duvidas.

Outra surpresa ainda mais inesperada que a precedente para quem conhecia o carácter da pessoa donde provinha, foi produzida pela lembrança que teve o ex-ministro Teste de escrever a el-rei, antes de comparecer como reo perante a camara dos pares, enviando-lhe a demissão da sua dignidade de par de França e a do emprego de presidente do tribunal da relação (*Cour de Cassation*), que ocupava. Condenado a passar por uma accusaçao de corrupção, de que com tudo esperava sahir vitorioso e triunfante, tinha necessidade, dizia, de se regenerar na confiança do soberano, e por isso lhe enviaava a demissão das dignidades e empregos a que a munificencia régia o tinha elevado em remuneração de todas as provas de adhesão à causa publica, e de devoção à sua real pessoa, que em diferentes ocasiões lhe tinha dado.

Logo que este passo do accusado foi conhecido, todos a uma o interpretaram do mesmo modo. Quem acreditava nas ameaças de revelações por elle dirigidas ao gabinete, e quem combinava este facto com a famosa conferência de Neuilly, a que imediatamente se tinha seguido a fuga de Pellaprat, não podia deixar de considerar tudo isto como uma verdadeira comédia calculada para fazer do fugitivo, a quem sem dúvida se teria prometido amplas compensações, hode emissão de todos os peccados dos mais co-reos, e sobretudo para salvação do ex-ministro, no interesse do ministerio e da doutrina; porém, se tal foi com effito o pensamento secreto dos inventores da peça, bem logrados ficarão logo na representação do primeiro acto della, em consequencia de um terceiro incidente, ainda mais inopinado que os primeiros, e muito mais importante pelas consequências que teve.

Armando Marrast, redactor em chefe do *Nacional*, affligido, ao que dizia, da deshonra que ao exercito ia resultar na pessoa do general Cubières, accusado com tal ou qual apparencia de verdade do crime de roubo fraudulento, que realmente não existia, e tendo na sua mão com que provar a falsidade de tão odiosa imputação, entendeu que era de sua rigorosa obrigação comunicar á camara dos pares os documentos que possuia, e isso fez. Os ditos documentos consistiam na epíria de uma correspondencia entre Cubières e Pellaprat, da qual, a não ser inventada resultava óbvia e inevitavelmente as consequências seguintes: 1.º que uma somma de dinheiro tinha sido efectivamente confiada a Pellaprat, para com ella corromper Teste, ministro das obras publicas, a quem competia a concessão das minas de Gouhenans; 2.º que este dinheiro, procurado por Parmentier,

tinha realmente entregue ao sobredito Pellaprat por Cubières, o qual por conseguinte não tinha cometido a vileza de apoderar-se dele, inventando, como se dizia, uma corrupção que nunca tinha tido lugar; 3.º que ou Pellaprat tinha estafado o dinheiro em seu proveito, e em tal caso sobre elle é que ficava recaindo o crime de roubo fraudulento atribuído a Cubières, ou a corrupção tinha sido realizada, e a culpa do ex-ministro ficava fora de dúvida.

As circunstancias especiais do redactor em chefe do *Nacional* tornavam extremamente suspeito tudo quanto viesse da sua mão. Republicano na gema, e honrando-se altamente do o sér, todo o seu interesse nesta questão se reduzia a descreditar com demonstração do crime do ex-ministro todo o pessoal da administração de uma ordem de coisas que lhe era politicamente odiosa. Esta circunstancia devia tornar os juizes mui circunspectos; mas infelizmente para Teste, Cubières, interrogado sobre a correspondencia que acabava de aparecer, e conjurado em nome da sua propria honra a explicar-se, confessou que as copias apresentadas á camara eram falsas; indicou a pessoa em cujo poder se achavão as cartas originais, e acabou por declarar que de facto Pellaprat lhe havia asseverado uma e muitas vezes ter realmente pago ao ex-ministro a somma de cem mil francos pela concessão das minas de Gouhenans.

Cada um pôde fazer idea do estado do pobre Teste, vendo-se o único alvo de todas as baterias, na presença de juizes tão respeitáveis, e no meio de um concurso de espectadores tão extraordinario, que ate a camara dos deputados se esqueceu de que o lugar das suas sessões era no *Palais Bourbon*, e não no Luxemburgo. Perguntado sobre o que tinha que dizer á vista das revelações que acabavão de ser feitas nas suas barbas, limitou-se a responder que, vendo rebentar tão de repente sobre a sua cabeça uma bomba que não esperava, nada mais podia por entretanto fazer senão negar redondamente os factos asseverados pelo general Cubières, pedindo ao mesmo tempo que se lhe desse vista dos novos documentos, a que responderia depois de tê-los examinado.

A replica era justíssima, e foi deferida; porém a tal altura tinham já subido as causas neste momento, a atenção do público sobre o que se passa no Luxemburgo era tão grande, as vozes que corriam de alguma travessura do povo soberano no caso de se não fazer justiça imparcial, tinham tomado tal consistência, que não havia remedio senão caminhar a olhos fechados pela estrada direita, cabisse a final o raião onde cabisse. Decretou-se portanto, sem mais esperar, o sequestro dos bens do fugitivo Pellaprat, passando-se no mesmo

tempo ordem de prisão contra os tres réos presentes, que foram metidos no segredo no dia 9.

O dia 12, que foi o quarto das discussões foi summamente fecundo de resultados e incidentes. Pellaprat, que necessariamente ficava convencido do crime de rancorice uma vez que Teste se justificasse, não podia deixar de fazer algum esforço pelo seu credito, ainda no caso de ser mais vil do que realmente se diz que é. Disse com efeito no dia 10 que vendo chegar as causas a tal figura, resolvêra enfim sahir do seu escondrijho e apresentar-se no dia 12 ao tribunal; porém tudo o que realmente aconteceu foi enviar sua mulhér ao presidente da cámara dos pares uma nova correspondencia, que seu marido lhe confiara para só fazer uso dela na ultima extremitade, e que constava de uma série de bilhetes escriptos pela propria mão de Teste, em que se via a grande intimidade do ex-ministro com Pellaprat e as promessas que lhe fazia a respeito das minas de Goubenans. Como em nenhum dos ditos bilhetes se fallava da somma de cem mil francos, ainda sobre este facto tão capital não havia prova suficiente para que o tribunal se atrevesse a proferir sentença condenatória; esta lacuna, porém, em breve foi preenchida pelo depoimento do tabellão de Pellaprat, agente de todos os seus negócios, que declarou ter-se com efeito dito o mesmo Pellaprat que realmente pela concessão das minas de Goubenans tinha contado a Teste a somma acima dita. Por desgraça, e para que o padecente tragnasse á borra do calix da amargura que com a sua sêde de ouro se preparara, verificou-se que, precisamente na época a que todos estes factos se referião, tinha seu filho empregado em bilhetes do tesouro a somma de 95 mil francos.

Teste, apertado de dôr d'illharga para que destruisse tão grande massa de provas nada mais soube responder senão que a ultima negociação que se lhe objectava parecia ser pessoal a seu filho, mais o terrível drama precipitava-se a cada instante para o desenredo, e estava escripto que o ultimo quadro delle, ou o imediato ao epílogo, havia de ser representado nesse mesmo dia. De facto, entre as 8 e 9 horas da noite do dia 12, ouvirão-se dous tiros que parecia ter sido disparados no quarto que servia de prisão a Teste. Examinadas as causas, achou-se que com efeito o ex-ministro tinha tentado suicídio e disparando contra si mesmo na direcção do coração dous tiros de pistola; porém o primeiro tinha faltado, e a bala do segundo, passando de sôsia no longo das carnes, apenas tinha produzido uma contusão de pouca importância.

No dia seguinte dirigio o desgraçado uma carta ao presidente da cámara dos pares, em que lhes dizia que, sendo a sua presença actualmente desnecessária para esclarecer a justiça sobre o que desejava saber, recusava apresentar-se de novo perante o tribunal; que aceitava tudo quanto o mesmo tribunal houvesse de decidir contra elle em sua ausencia, e que declarava que o crime de que se via convenido lhe era exclusivo e pessoal, sem que seu filho tivesse tido nesse a menor parte.

A leitura desta carta produziu em toda a assembléa a mais penosa impressão. O presidente deu os debates por acabados, e designou o dia 14 para que a cámara deliberasse sobre o merecimento

da causa. A sentença será certamente proferida hoje; mas como provavelmente não chegará ao conhecimento do publico senão mui tarde, não posso expôr-me ao perigo de que esta correspondencia fique em terra, demorando-a, talvez inutilmente, até o ultimo momento da partida do correio.

Todas as cartas recebidas de Roma nestes ultimos dias (e ha aqui dataas da cidade eterna até o dia 6 do corrente) vem cheias de reticencias e de expressões de receios de acontecimentos graves em época não mui remota. Verdade é que a explosão destes graves acontecimentos foi momentaneamente evitada a força de concessões do governo; porém quando se reflecte no carácter dos disturbios dos ultimos dias de junho que vou contar, e sobretudo no que esteve para acontecer no dia 29, que foi o de S. Pedro, o receio de nova recrudescencia de excessos populares não tem causa nenhuma de exagerado.

Todos os leitores do *Jornal do Commercio* devem saber que existem em Roma dous partidos em campo, igualmente poderosos e igualmente encarniçados, que até agora se tem feito guerra surda um ao outro, mas que actualmente parecem dispostos a vir ás mãos. Um destes partidos é o partido conservador, que julga summamente perigoso este sistema de inovações a *marche marche* introduzido pelo governo; o outro é o partido liberal, que, tendo a desgraça de persuadir-se que Pio IX é o seu chefe natural, assenta que nada pôde fazer de mais consono aos desejos secretos do Santo Padre do que violenta-lo por todos os meios possíveis a caminhar com resolução e impavidez pela estrada das reformas porque tomou. Esta persuasão é certamente um erro, porque Pio IX com toda a corteza deve saber que todo aquele princípio que se coloca á testa de um partido, só reina sobre metade dos seus subditos; porém a opinião está formada, e em ella teimando para uma parte, não ha fazê-la retrogradar. Daqui todas estas demonstrações frenéticas de entusiasmo, de que as folhas tem vivo cheias, e todas estas tentações de popularidade, que de todos os venenos com que os principes costumam *etherisar* se é incontestavelmente o mais perigoso e que elles pagão mais caro.

Isto não obstante, havia certo tempo que graves desconfianças sobre a boa vontade do papa tinham nascido no espírito dos demagogos. Ninguem ousava accusá-lo ainda de apostasia; mas suspeitava-o de fraqueza, e de ter se deixado dominar por influencias retrógradas que o corcaya. Daqui tinha resultado evidente frieza da parte do povo de cada vez que o summo pontífice se apresentava em público, e ao mesmo tempo terríveis manifestações da irritação popular contra certo numero de cardinais, em cuja intensão nas praças publicas se proferia salvias de *morras* á boca cheia.

A frieza do povo para com o Santo Padre tomou sobretudo um carácter extremamente significativo no dia 29 de junho, que foi o de S. Pedro. A praça do Vaticano estava literalmente abarrotada de povo; porém, não obstante o concurso ser tão enorme, nem um único *riar* acolheu o summo pontífice no momento solene em que elle apareceu na varanda da basílica para lançar a bênção

do costume *urbi et orbi*. Este silencio tão universal, e por conseguinte tão espontaneo, era de terrível agouro, e já se podia ter por arauto da enorme desgraça de que Roma esteve ameaçada no mesmo dia.

Tinha o embaixador d'Austria tido a imprudencia de dar no dito dia um jantar diplomático a diferentes cardenais da sua panela, e por consequencia os mais mal conceituados na opinião dos patriotas. Apenas a causa constou, pareceu que uma espécie de rastilho tinha pegado no vasto deposito de irritações populares, acumuladas de longo tempo, e com tanta dificuldade comprimidas até então. Todas as massas se precipitaram, inspiradas por um pensamento unânime, sobre o palacio de Veneza, residencia do embaixador, e de nada menos se trata que de assassinar de pancada *todos os inimigos do povo*. Por um momento esteve o horrível crime a pontos de consumar-se; mas por fortuna estava entre a multidão um certo Ciceronacchia, homem do povo, verdade seja, mas homem de bom juizo, e dotado desta resolução e coragem de que ainda hoje dia tantas provas os descendentes dos Gracchios e dos Virginios.

Ciceronacchia fallou aos seus camaradas com a autoridade e convicção que a bondade da causa lhe inspirava; representou-lhes que o excesso que meditavão não podia deixar de affligir sumamente o Santo Padre, e que em todo o caso só podia servir para fazer retrogradar a causa que defendia, mostrando que o povo romano não era digno das liberdades que pretendia; e como o orador não era suspeito ao auditorio, por ser da sua igualha, teve a fortuna de convencê-lo, e de desviar a onda do povo para outra parte.

Dizem que, quando o Papa teve noticia do que esteve a ponto de acontecer, de tal modo se affligio, que até se lembrou de abdicar o summo pontificado, e que, para consultar seu irmão sobre o caso, o fizera vir de Sinigaglia. O cardenal Lambruschini, um dos mais indigitados pela indignação publica, fugiu de Roma; os outros escondêrão-se nos seus palacios e não ousarão aparecer. Nos dias seguintes fez o governo constar que a reunião dos deputados das províncias, a reforma das municipalidades e a organização da guarda nacional ião enfim realizar-se, e assim conseguiu acalmar a irritação publica, ao menos por entretanto.

(*Jornal do Commercio.*)

8 de Setembro.

NOTÍCIAS DIVERSAS.

INTERIOR.—**RIO DE JANEIRO.**—O anniversario da proclamação da independencia foi hontem solemnizado como de costume. A tarde recebeu S. A. a Sere-nissima Princeza, a Sra. D. Leopoldina, o sacramento do baptismo que lhe foi ministrado pelo Exm. Sr. bispo capellão-mór. Em seguida publicamos o auto do baptismo, do qual consta o nome que recebeu a augusta princeza, quaes foram os padrinhos, e que pessoas tiverão a honra de representá-las. Houve grande parada da guarda nacional e tropa de linha, e a noite iluminou-se a cidade.

“Anno do Nascimento de Nossa Se-

nhor Jesus Cristo de mil oitocentos e quarenta e sete, aos sete dias do mês de setembro, n'esta cathedral e imperial capela da muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, ocupando o trono o muito alto e muito poderoso Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, e o solio o Exm. e Revm. bispo capellão-mór e diocesano D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, conde de Irajá; e achando-se na mesma cathedral e imperial capella reunidos os ministros e secretários d'estado, conselheiros d'estado, grandes do império, oficiais mores, oficiais e mais pessoas da corte e caza imperial, muitos senadores e deputados, corpo diplomático estrangeiro, membros dos tribunaes de corte e muitas outras pessoas de distinção expressamente convidadas; o dito Exm. e Revm. bispo capellão-mór baptizou e pôz os santos óleos à Sereníssima Princeza Senhora Dona Leopoldina Teresu Francisca Carolina Michaela Gabriela Raphaels Gonzaga, nascida no dia 13 de Julho do corrente an no pelas seis horas e tres quartos da manhã; filha legítima do dito muito alto e muito poderoso Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, e da muito alta e muito poderosa Senhora Dona Teresa Cristina Maria, Imperatriz do Brasil; neta pela parte paterna do falecido Senhor Dom Pedro de Alcantara de Bragança e Bourbon, primeiro Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, e de sua augusta esposa, também falecida, a Senhora Dona Maria Leopoldina Josephina Carolina; e neta pela parte materna do falecido Senhor Dom Francisco Primeiro, rei do reino das Duas Sicilias, e de Sua Magestade a rainha sua augusta esposa, a Senhora Dona Maria Izabel. Foi padrinho Sua Altesa Real o Senhor Dom Francisco d'Orleans, príncipe de Joinville, representado por Mr. C. His de Butenval, commendador da ordem real, da Legião d'Honra e da de Nossa Senhora da Conceição de Portugal, condecorado com a ordem ottomana do Nichan Iftihar, e enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Sua Magestade o rei dos Franceses n'esta corte; e madrinha Sua Altesa Real a Senhora Dona Francisca Carolina, princesa de Joinville, representada pela Ilm. e Exm. condessa de Belmonte, camareira mór de Sua Magestade a Imperatriz. E para a todo tempo constar se lavraraõ dous autos em tudo identicos, subscritos pelo Ilm. e Exm. Manuel Alves Branco, do conselho d'estado, presidente do conselho de ministros, ministro e secretário d'estado dos negócios da fazenda, interinamente encarregado dos do império, e assignados tanto por elle, como pelo Exm. e Revm. bispo capellão-mór conde de Irajá, e pelos representantes dos augustos padrinho e madrinha; devendo um dos ditos autos ficar no arquivo da imperial capella, e ser o outro recolhido ao arquivo público do império. E eu Manuel Alves Branco, o subscriví e assinei.—*Manuel Alves Branco.*
Como representante do augustos padrinho, *His de Butenval.*—Como representante da augusta madrinha, *Condessa de Belmonte.*—*Manuel*, bispo conde capellão-mór.
—S. M. I. foi apresentar a Nossa Senhora da Glória a Sereníssima Princeza, a Sra. D. Leopoldina.

—Por decreto de 23 de agosto foi aprovado o plano da organizaçāo dos corpos do exercito em circunstâncias extraordinárias, cuja recapitulaçāo geral das praças de pret é a seguinte:

8 Batalhões de fuzileiros a	745	5960
8 Ditos de caçadores a	526	4208
4 Regimentos de cavalaria a	574	2296
4 Bat. de artilharia a pé a	697	2788
1 Corpo de artilharia a cavalo..		372
1 Dito de artifícies		168
2 Companhias ditas a	84	168
1 Corpo fixo do Piauhy.....		301
1 Dito do Ceará.....		317
1 Dito de Goyaz.....		264
1 Dito de S. Paulo		264
1 Dito de caçad. de Matto Grosso.		670
1 Dito de artilharia dito.....		453
1 Esquadraõ de caval. ligeira, dito.		188
3 Companhias fixas de cavalaria.		219
4 Ditas ditas ditas de caçadores.		404
Depósito de recrutas da corte..		549
Dito da Bahia.....		411

Total. 20.000

(*Diário do Rio de Janeiro.*)

BRASILEIROS.

—Quando disemos que os homens da camarilha estão doidos varridos saltão os collegas do Estandarte e Observador afirmando que tal não ha. Será excesso de juizo o que notamos na camarilha desde o dia 15 de julho, mas não ha por certo coisa em que se agente possa confiar. Os exemplos de todos os dias fallam mais alto do que toda essa algaravia com que nos atordoaõ os jornais da oposição.

No referido dia 15 de julho tornam a assemblea provincial uma verdadeira caza de orates; no dia 7 de setembro accometeram traiçoeiramente ao povo, inerme que percorria as ruas alegre e desprevenido festejando o grande dia da Nação nesta capital e em Itapucurú-mirim; e no dia 2 de outubro coroarão a obra da loucura e do odio lançando sobre o povo imundices, pedras, e garrafas—e o que mais é—partiu isto da propria caza do Sr. José Corsino Raposo, comandante superior da guarda nacional.

Não affiançamos que essa miserável provocação partisse do proprio Sr. Raposo, mas o que é certo é, que esse estado de irritação em que se acham os chefes da oposição contra todos os que não querem subscrever a seus caprichos, essa turbulencia e estonteamento de uma minoria tão ridicula, são outros tantos motivos que nos levam a acreditar que todos os desatinos partem dos chefes da camarilha.

Tendo chegado a esta cidade no dia 2 do corrente o coronel Isidoro Jansen Pereira pelas 4 horas da tarde, os seus amigos quizeram obsequiá-lo saudando a sua boa vinda, e para este fim se reuniram logo ao anotecer junto da igreja da Conceição em numero de 500.

Dali descerão pela rua Grande em boa ordem com uma das bandas de musica na sua frente, entoando vivas à Lígia, ao Exm. Sr. Presidente da Província, e ao dito Sr. Coronel Jansen. As passarem pela caza do Sr. Raposo sofrerão alguns insultos de um grupo de 20 ou 30 pessoas que guarneçiam as janelas do

primeiro andar da caza deste Sr. mas nada ocorreu de extraordinário.

O grupo dirigio-se a habitação do Sr. Jansen para saudá-lo, e pondo-se este Sr. á sua frente dirigio-se a palacio onde deu vivas a S. Exc.

Depois de haver percorrido as ruas da cidade regressava o grupo para dispersar-se no lugar da reunião, e quando passava pela frente da caza do Sr. Raposo, aonde se achavaõ reunidos os mesmos individuos, lançaram-lhes de cima imundices, garrafas vasinas, e agua quente. Então travou se um combate de pedras, e apesar dos esforços das pessoas principaes que dirigiaõ o grupo, não poderaõ elles evitar que fossem quebradas as vidraças da caza.

Ora, que os Ligueiros se reunissem para saudar a chegada do principal chefe popular do partido nesta capital, nada é tão natural; mas para que fim se achavaõ reunidos os provocadores? Já este facto demonstra a intenção malefica de que se achavaõ possuidos.

Os jornais alugados haõ de agora dizer que os Ligueiros forão acintemente quebrar as vidraças do Sr. Raposo mas para responder-se-lhe cabalmente, basta dizer que a caza do Sr. Moniz fica fronteira a do Sr. Raposo, e posto d'ali tambem partisse alguns insultos por entre os vivas do *partido bento*, nem uma pedrada lhe foi dirigida; que os Ligueiros passáraõ pelas casas dos Srs. D. Francisco, Mariani &c, e nem um só insulto lhes foi dirigido.

Fique a camarilha convencida que estas animosidades, estas estonteadas provocações, só concorrem para desacredito de todo.

(*Do Progresso.*)

—Temos que acrescentar algumas circunstâncias á exposição do *Progresso* que fica transcrita sobre as ocorrências da noite de 2 do corrente.—

Depois que o grupo de 500 pessoas que ia dar as boas vindas ao Sr. Coronel Isidoro, desceu pela rua Grande, e foi insultado de palavras pela gente que estava ás janelas do Sr. José Corsino, esta gente fez lançar foguetes, e dar vivas, e morras, até a volta do grupo, n'um espaço de tempo maior de uma hora. E' evidente pois que tractavam de reunir-se, e excitar-se, sem fim algum conhecido, a não ser o de molestar os passantes.— E com efeito, ao se recolherem estes varam-lhes em cima, do segundo andar do Sr. Corsino, uma porção de imundices, de que ficaram conspurcados os Srs. Dr. Tiberio Cezar de Lemos, capitão Romaldo, e outros—Atiraram também agua quente, copos, garrafas, mas-sunetas das janelas, e pedras.—Sendo esta vilania inesperada, o grupo devidio se em dous, áquem e além da caza, cuja frente ficou vasia, e o povo irritado respondeu a agressão apedrejando as vidraças da caza dos agressores.—Dos passageiros foram feridos pelos projectis arremessados de caza do Sr. José Corsino, os cidadãos Sergio Raimunda da Silva, oficial da guarda nacional, José Joaquim Fernandes, carpinteiro, Manoel Antônio Rio, marceneiro das barcas de viga, e Manoel do Jesus, pescador, e talvez outros.—Sabe-mos destes ferimentos por informações; quanto ao Sr. Sergio, sabemo-lo com toda

certeza, pois se veio pensar a uma botica que nos fica fronteira.

Consta-nos que depois do tumulto, e quando o povo continuava no seu passeio pacificamente, o Sr. chefe de polícia foi açoitadamente a palacio aclar o caso contra os passeantes, e a sollicitar naõ sabemos ainda que providencias. Ignoramos onde estaria durante o tumulto.... Naturalmente em casa do Sr. José Corsino.

(Do Publicador Maranhense.)

A REVISTA.

Ainda a Camarilha e a sua imprensa.

—oo—

O Observador e o Estandarte são indignos de ler-se pelas nojentas falsidades que preparam. Sabemos que toda a oposição é exagerada, e a oposição do Maranhão é como as outras; mas naõ se trata aqui de exageração, o que seria a certo ponto desculpável; trata-se de mentiras escandalosas e calúnias atrozes, o que em tempo nenhum pode achar desculpa. Revolta ver o desfaçamento com que esses dois órgãos da camarilha invertem, adulteram, fingem, inventam, e compõem o que lhes parece, sem o menor respeito á verdade, e a moral publica! Escrever por esta forma é empocalhar a historia do paiz com torpezas asquerosas, e fazer prova de uma perversidade acima de toda a expressão. Quem ler na posteridade tais escritos que idéa ficará fazendo de nossa civilisação e moralidade? Deixamos ao leitor cordato o julgalo.

Ja vimos como os dois apostolos da mentira desfiguram os sucessos de 7 de setembro; pois a ocorrência de 2 de outubro é por elles, a ser possível, ainda mais desfigurada. Sem nos ocupar-mos em apontar cada uma dessas falsidades, o que seria um nunca acabar, repelli-las a todas como indignas de fé, e reproduzimos para lhes servir de resposta os artigos do Progresso e do Publicador que narram os factos com singeleza e verdade.

A camarilha anotou calunia sobre calunia com o fim de lançar o ódio sobre o ilustrado governo do Sr. Franco de Sá que nenhuma parte teve em semelhante ocorrência, antes por occasião dessa proibiu os passeios dos grupos pelas ruas. Entre outras falsidades propalou ella em seus jornais, que o Sr. Dr. Carlos Fernando Ribeiro, secretário do governo e 1º vice-presidente da província, ia no grupo que percorreu as ruas em 2 de outubro, e que foram quebradas as vidraças da casa do Sr. Angelo Moniz! Nem o Sr. Dr. Carlos ia no grupo, nem foram quebradas outras vidraças senão as da casa do Sr. José Corsino, e isto depois da provocação de arremessarem delas imundices sobre o povo. Ja o Observador e o Estandarte disseram também falsamente que o Sr. Dr. Carlos se achava no grupo de S. Anna em 7 de setembro. Os ligueiros, a ouvir os, isõ em 2 de outubro mudos de pedras e fundos de garrafias, por que na rua grande moõ ha projectis, quando é certo que nenhuma outra de rece tanta escarnada como se acha a malfeita calçada maledicida. Os trinta soldados de polícia de jaqueta de que fazem menção, é um

invento para cohonestar o que a sua gente delles praticou nas barricadas de S. João. Immundices naõ as houve porque o Observador no dia 3 muito cedo teve o cuidado de farejar a rua, e nada encontrou; o que se lançou sobre o povo foi agua pura daquela que os ligueiros bebem, acrescenta o Estandarte. Um ligueiro disfarçado por nome Canarim foi quem fez essa provocação, subindo para semelhante fin á casa do Sr. José Corsino. Nesta ultima historieta teve o chefe de polícia a *bonomia* de concordar com os dois orgãos da camarilha como se vê de uma parte, transcripta no Publicador.

Mas a verdade nada como azeite em cima d'água, e tal é a sua força, que, a pesar de terem desfigurado e mentido a seu talante, não poderão os impostores deixar de confessar por fin, que a provocação partiu da casa do Sr. José Corsino. Fosse agua quia, fosse agua limpa, o certo é que de la veio a tal caldeirada que tanto indignou os passeadores. Ora uma imprudencia destas naõ podia em semelhante occasião deixar de ser tornada como uma provocação, como um insulto, e se produziu o efeito que produzim a culpa foi de quem a commeteu. Tanto é isto assim que tendo o grupo ou reunião passado por casa de outros membros da camarilha nenhuma quebrou as vidraças, senão ao Sr. José Corcino.

Assim é que os camarilheiros provocadores em 7 de setembro, e 2 de outubro dizem-se provocados, concluindo os seus mentirosos artigos com este sediço estribillo—para que passáro os ligueiros por S. João, para que passáro por casa do Sr. José Corsino, ou pela rua grande? Ora essa estupida pergunta prova de mais, porque vale o mesmo que se dissessem: si os ligueiros naõ passassem por duas das ruas mais públicas e principaes desta cidade, como a rua grande, e a de S. João, naõ seria provado, nem agredidos pelos camarilheiros: e é por conseguinte um argumento contra a camarilha.

Este sistema porem de inverter, caluniar, mentir a todo e qualquer propósito, e isto diante de um sem numero de testemunhas que presenciarão os factos, é a um tempo a maior de todas as miserias, e a maior prova de fraqueza do partido que o adopta, porque a mentira sempre foi o recurso dos fracos. Que maranhense de boa fé hude acreditar no Observador e no Estandarte á vista de maneira indigna porque ambas essas folhas desfiguram a historia contemporânea? Nenhum certamente. Que podem pois esperar os camarilheiros desta sua tática taõ tresloucada, como inflame? Descredito, e só descredito. Que tristissima idéa nos dá de si a oposição actual, quer se condere no parlamento onde só se faz notável por actos de demência, quer nas reuniões populares onde só se faz notável por provocações e aggressões criminosas, quer na imprensa em fin onde só se faz notável pelas infamias e tropezas que estampam! E é esta a oposição que esperá triunfar do governo á quem dá cada vez mais força com seus excessos, desvios e desespero! Nõ em tanto devo-se dizer uma verdade dura de ouvir, e é que a imprensa oposicionista peiorou depois da aliança que o Estandarte contraiu com o Observador.

—A assembléa geral foi prorrogada até 7 de mez de Setembro.

—O clero, inclusivõ os parochos, passava a ser pago pelos cofres geraes, segundo o orçamento em discussão.

—O exm. Sr. Moura Magalhães tomou conta da presidencia da Bahia, para que forá nomeado.

—O exm. Sr. Moraes Sarmento foi transferido da presidencia do Rio Grande do Norte para a do Ceará.

AVISOS.

NOVO SORTEIMENTO

DE

Fazendas francesas

Chegadas de proximo por Inglaterra pelo Navio Stirlingehure, acha-se á venda na loja do Agostinho José Rodrigues Valle, rua do Nazareth n.º 27, constando de chapeus de pello de seda de superior qualidade para homens e meninos, ditos de sol de seda com franjas, bordados e lisos para senhoras e meninos, ditos de 26, 28, e 30 polegadas para homens, plumas de cores para enfeites de chapeus de senhoras, luvas de seda bordadas finas, ditas de pelica para homens e meninos, meias de seda sortidas para senhoras e meninas, ditas pretas fortes para homens, ditas encarnadas para conegos, lenços de gaze e de setim com franjas para senhoras e meninas, ditos proprios para homens, mantas pretas e de cores para dito, chailes, mantas, e leques para senhoras, lenços de cambraria de linho, ditos de sedas de cores para algibeira, rendas de blond e de seda, pano superfino de todas as cores para caçaca, caximbras verde, amarela, e encarnada, irlandas, platilhas, e bretanhas muito finas, pano para toalhas de meza, e outros muitos objectos que se vendem muito em conta.

—No Armazem de Manoel Antonio dos Santos, ao trapiche, ha excellento carne de garajão, para vender.

—O abajou assignado tendo liquidado a sua caza, de forma tal que entende nada dever a pessoa alguma e não estar sujeito nem por si nem por seus antepassados a fianças ou outras quaisquer responsabilidades; faz disto sciente ao re-peitável publico para que no caso contrario mostre o que assim não for dentro do prazo de seis meses, findo o qual a nada mais se julgará obrigado o anunciantre.

Maranhão 5 de Outubro de 1847.

Claudio Cândido Roxo Serra.

—João Joze de Lima vende a botica que comprou a Jucundino Antonio da Silva, no largo da Conceição, por muito menos do que lhe custou.

—Papel d'impresão em grande formato, e de muito boa qualidade: vende-se nesta Typografia.